

PAULINA CHIZIANE: UMA ESCRITA DE GÊNERO E DE REPRESENTAÇÃO DE
DILEMAS CULTURAIS

PAULINA CHIZIANE: A WRITING ABOUT GENDER AND REPRESENTATION
OF CULTURAL DILEMAS

Algemira de Macedo Mendes*
Áurea Regina do Nascimento Santos**

RESUMO: Ao desvendar o universo feminino retratado no romance *Niketche: uma história de poligamia*, discutimos a ruptura das tradições presentes na narrativa de Chiziane. A autora desafia a condição de submissão, desvelando uma mulher que busca seu lugar/identidade como sujeito que se reafirma e rejeita os valores patriarcais em Moçambique. As mulheres são apresentadas como seres de 'fronteira' entre a tradição e os sistemas culturais impostos pelos colonizadores. Elas podem ser entendidas como representações dos dilemas culturais, históricos e sociais vivenciados pela mulher moçambicana na atualidade.

Palavras-chave: Paulina Chiziane. Escrita feminina. *Niketche*.

ABSTRACT: By unraveling the feminine universe depicted in "Niketche: a story of polygamy", we discussed the breakdown of traditions presented in Chiziane's narrative. The author challenges the submissive condition, revealing a woman who seeks her place/identity as a subject that reaffirms and rejects the patriarchal values in Mozambique. Women are presented as 'border' beings between the tradition and the cultural system imposed by colonizers. They can be understood as representations of cultural, historical and social dilemmas experienced by Mozambican women nowadays.

Keywords: Paulina Chiziane. *Female writing. Niketche*

As obras de Paulina Chiziane desenvolvem papel fundamental na literatura de Moçambique construindo um caminho de resistência e, acima de tudo, autoafirmação da identidade das mulheres pela configuração/representação da presença delas nos textos.

* Adjunta IV da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Graduada em Letras pela UESPI, Mestre em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) e Pós-doutoranda na Universidade de Lisboa, Portugal. E-mail: ajemacedo@ig.com.br

** Docente de Língua Inglesa do Instituto Federal do Piauí (IFPI). Graduada em Letras pela UESPI. Mestranda em Letras pela UESPI. E-mail: aureasantos@ifpi.edu.br

Paulina Chiziane traz a voz das mulheres moçambicanas silenciadas pelas circunstâncias repressivas coloniais e pós-coloniais e mostra, nas suas obras, o que estava escondido no silêncio feminino. A autora revela a não conformidade com a situação da mulher na sociedade moçambicana e o desejo de mudança dessa posição, de mostrar o valor e importância da mulher no quadro cultural do seu país.

Ao traçar este caminho de resistência e de afirmação de identidade de gênero na literatura, Paulina Chiziane inaugura essa posição na trajetória literária feminina em Moçambique. A escrita de Paulina Chiziane não representa apenas uma mulher moçambicana que fala sobre as mulheres em Moçambique, mas também representa um posicionamento que modifica o cenário social geralmente visto como espaço dominado pelo homem.

Ao reivindicar seus direitos como cidadãos da terra, os moçambicanos desencadearam uma luta não apenas para afirmação da identidade, mas para a conquista da independência nacional. O que antes era puramente cultural e interesse tradicional deu lugar à consciência nacional.

O direito da mulher a ser ela mesma é negado porque ela é um sujeito em um estado de inferioridade e do sexo feminino, o que agrava a situação. Gayatri Spivak diz que "se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito feminino subalterno está ainda mais profundamente na obscuridade" (SPIVAK, 2010, p. 67).

Para a autora, a recuperação da voz de um sujeito subalterno, especialmente a voz da mulher, torna-se difícil, para sempre sendo silenciada e diferenciada por raça e classe social: "O subalterno não pode falar. Não há valor atribuído à 'mulher'" como um item respeitoso na lista de prioridades globais (SPIVAK, 2010, p. 126).

Assim, a narrativa de Chiziane notifica que a mulher moçambicana tem a voz silenciada, porque seus direitos não são considerados, não só durante a colonização, mas ainda após essa época, porque não é vista como uma mulher, como pessoa, mas como um objeto sexual.

O escritor moçambicano Cremildo Bahule (2013, p. 128) argumenta que a "sexualidade da mulher é construída a partir da visão que o homem tem sobre o mundo".

De acordo com Zuleide Duarte de Souza, discutir a sexualidade em uma sociedade tão plural é mergulhar no oceano, para onde fluem continuamente muitos "rios de amargura, dor e um pouco de alegria" (SOUZA, 2013, p. 74).

Nas narrativas de Chiziane, os temas identidade e resistência são aspectos importantes no quadro de uma escrita literária feminina de Moçambique, da construção da identidade das mulheres moçambicanas, vivas, ativas e conscientes do seu papel na sociedade a que pertencem.

A identidade moçambicana não é 'permanente', e como qualquer outra identidade é constantemente construída, redesenhada, ressignificada. A busca pela identidade nunca deve ser concluída, porque ela vai revelar-se cada vez mais inovadora, especialmente na busca da identidade dos que sofreram a experiência da colonização e da assimilação de uma cultura estranha. É nesse momento que acontece o questionamento dos que foram colonizados e que estão tentando reconstruir suas identidades 'reformuladas' após o período da colonização.

A partir da perspectiva da descolonização, a literatura pós-colonial caracteriza-se por questões de libertação nacional, consciência de expressão cultural e tentativa de repensar criticamente a civilização como era antes da chegada dos portugueses no país, buscando a reafirmação dos valores tradicionais do povo, a reconfiguração da identidade perdida durante a fase de assimilação e o despertar para um novo horizonte, a

independência nacional, repensando e reformulando alguns dos contactos com a cultura imperial anterior.

A literatura escrita por mulheres de países que foram colonizados tem uma dupla função na descolonização das mentes aculturadas, porque as mulheres foram duplamente colonizadas, pelo sexo e pela “raça”, e por meio da literatura elas podem lutar por seus direitos. Apesar de serem respeitadas e reconsideradas na sociedade pós-colonial, após o governo imperial ser extinto, continuam sob o poder patriarcal. A literatura pode, no entanto, promover e expressar mais fielmente a situação de mulheres subalternas, colonizadas, marginalizadas.

Inocência Mata diz que:

Na verdade, no contexto de suas sociedades, marcadas por desigualdades institucionalizadas por disposições legais, tradicionais e de mentalidade, as mulheres escritoras constituem um grupo privilegiado tanto em termos de classes e socioculturais quanto por causa do domínio da escrita, que ainda é um poder em África. Razão por que, de certa maneira, essas mulheres acabam por funcionar como porta-vozes deste segmento da sociedade (MATA, 2007, p. 421).

Curiosamente, a declaração da autora diz que as escritoras são privilegiadas por dominarem a escrita. Devido à taxa de analfabetismo ser muito alta, em diversos países no continente africano, as mulheres são excluídas da sociedade, e, mesmo diante das dificuldades, elas foram capazes de ter acesso à alfabetização e tornar-se "porta-vozes" de seu grupo. Vê-se que elas estão conquistando seu espaço, embora não seja fácil. As mulheres moçambicanas não estão mais lutando contra a dominação e a opressão colonial portuguesa, mas lutam, sim, pelo reconhecimento de si mesmas como mulheres, cidadãos do seu país, e pela legitimidade como ser humano.

Segundo Thomas Bonnici, “o objetivo dos discursos pós-coloniais e do feminismo é a integração da mulher marginalizada à sociedade” (BONNICI, 2000, p. 16). Ainda assim, a dupla colonização causou a objetificação das mulheres na questão de classe e de raça.

Dentre outras, a estratégia mais eficaz na descolonização feminina concentra-se no uso da linguagem e na experimentação linguística. Esta estratégia eficaz na descolonização da mulher está sendo atingida por intermédio da literatura experimental, do uso de uma linguagem apropriada que pode desmistificar a imagem objetificada das mulheres; dar voz à mulher silenciada; expressar a sua maneira de pensar, agir e reagir quando elas não estão satisfeitas com a sua situação e a maneira de lutar pelo ideal a ser alcançado, sua identidade moçambicana.

Substituir a estrutura dominante do modelo colonial, por uma estrutura nova e autêntica faz da escrita de Paulina Chiziane uma produção literária feminina pós-colonial, com ideais de descolonização, porque ela narra histórias de mulheres sobre realizações antigas e atuais e põe um fim ao silêncio, deixando a posição de inferioridade das mulheres na luta pela liberdade.

Uma voz que pensa o feminino e recupera as histórias da tradição

Na sequência dessas considerações, iremos investigar o romance *Niketche: uma história de poligamia*, da escritora moçambicana Paulina Chiziane, desvendando o

universo feminino, discutindo a ruptura das tradições pós-(coloniais) presentes na narrativa de Chiziane, ao tempo em que a autora desafia a condição de submissa, desvelando uma mulher que busca o seu lugar como sujeito que se reafirma e rejeita os valores patriarcais em voga em Moçambique.

No romance *Niketche*, temos a estória de Rami, casada com Tony, que sofre uma grande decepção ao saber que ele possui mais quatro mulheres, e outros filhos com quase todas elas. No início, Rami busca conhecer cada uma das mulheres de Tony, desentendendo-se com elas, mas ao final elas unem-se e formam uma família, em que dividem direitos e deveres como esposas do mesmo marido.

As personagens são apresentadas pela autora como representações dos dilemas culturais, históricos e sociais vivenciados pela mulher moçambicana na atualidade. Ao mesmo tempo que Paulina Chiziane apresenta uma mulher sofrida, oprimida e subjugada, do ponto de vista simbólico, ela também alimenta as personagens femininas de força, sabedoria e determinação. Fixaremos nosso olhar nas reconfigurações sofridas pelos grupos marginalizados, mais especificamente, as mulheres, e em como a tradição sobrevive ao novo formato social. Com uma narrativa densa, *Niketche* abusa da linguagem para dramatizar, aproximando-se da contação de estórias, que não poupa palavras para dar vida a situações, sentimentos e intenções.

Nesse romance, especificamente, Paulina Chiziane desenvolve uma narrativa em que a voz do feminino recupera as histórias da tradição, resignificando-as. Enfatiza as marcas da oralidade, e a voz feminina aponta para um questionamento e para uma ruptura com o que aprisiona e oprime as atitudes e os desejos femininos.

Paulina Chiziane utiliza o fio da oralidade para tecer em uma urdidura única: cultura, institucionalização, hipocrisia, comodismo, convenção, ou a condição feminina no quadro das inteligências e dos afetos. A relação homem e mulher é colocada em discussão através do enraizado costume da poligamia na sociedade moçambicana. A esse respeito observa Ana Mafalda Leite:

(...) este romance que conta a fábula, agora, mais ironizada, de um polígamo de cinco mulheres, que acaba sozinho e abandonado, termina com a moral semelhante ao anterior do gênero “o crime não compensa” (LEITE, 2013 p. 76).

Leite (2013) ainda comenta que Paulina realiza uma leitura pós-colonial das resultantes culturais da prática colonial, bem como a indagação do papel da mulher, numa sociedade eminentemente falocrática e prepotente, em que o feminino, passivo e subserviente, está sujeito a todas as formas de exploração, sem consciência de direitos ou vontade.

Na condição de “subalterna” (SPIVAK, 2010, p. 24), a autora desafia as regras de uma sociedade marcada por uma cultura patriarcal com práticas de poligamia. Apresenta-se relutante através da protagonista Rami que, aos poucos, vai recuperando, por meio de suas memórias, as formas que contribuíram para que estes costumes ancestrais ainda prevalecessem de Norte a Sul de Moçambique. A rejeição à prática da poligamia leva a personagem Rami a mergulhar nos papéis tradicionais atribuídos à mulher:

Navego numa viagem do tempo. Haréns com duas mil esposas. Régulos com quarenta mulheres. Esposas prometidas antes do nascimento. Contratos sociais. Alianças. Prostíbulos. Casamentos de conveniência. Vendas das filhas para aumentar a fortuna dos

país e pagar dívidas de jogo. Escravatura sexual. Casamentos aos doze anos. Corro a memória para o princípio dos princípios (CHIZIANE, 2008, p. 41).

Paulina Chiziane utiliza-se de mulheres que, além de narrarem histórias que envolvem a temática da condição feminina, também têm a consciência de que é necessário problematizar as relações de gênero em Moçambique. Em uma sociedade contemporânea que precisa compreender que não existe mais espaço para uma guerra entre os sexos, mas sim uma discussão que envolve o reconhecimento das alteridades e seus possíveis pontos de intersecção (ROSARIO, 2010).

O processo colonial, na sua teoria e ideologia, era já acompanhado da ideia de diferença, sendo esta hierarquizada e valorada e, quando considerada negativa, era algo que devia ser eliminado, pela assimilação de todas as culturas às normas supostamente “civilizadas” das culturas ocidentais. Sendo ultrapassado este universalismo, segundo o qual era possível hierarquizar culturas e povos, o relativismo pressupõe que todas as culturas têm os seus méritos e que não é possível quantificá-los de modo a serem escalados. Isso não quer dizer que as diferenças são ignoradas, ao contrário, elas são enfatizadas não pelo lado negativo, de fragmentação, segmentação e alienação, mas pelo poder que têm como ferramentas de afirmação identitária.

A protagonista apresentada por Paulina Chiziane busca incessantemente pelo seu Eu, por um lugar no mundo durante toda a narrativa. Rami, mulher casada, honesta e dedicada à família, torna-se sabedora da traição de seu cônjuge, Tony. Para sua surpresa, descobre que não se trata somente de uma, mas de várias, começando por Julieta, Luísa, Saly e Mauá. Descobre também os filhos do marido, que totalizam 17.

Rami transforma a convivência com suas rivais, de início, conflituosa, na constante disputa em uma rede de solidariedade, algo que se torna enriquecedor para as esposas de Tony, pois com seu incentivo, todas constroem vidas financeiramente independentes. Em um momento de ruptura ao modelo patriarcal, a protagonista tenta reverter o jogo. Lembra bem Virgínia Woolf em *Um teto todo seu* (1985, p. 8), ao dizer que “se a mulher quer se firmar na vida e ser escritora tem que ter um teto todo seu”.

Rami tenta compreender os atos do marido, por que ele age assim, se ela é uma mulher fiel, que casou virgem, inocente e sempre convicta de que o homem de sua vida era ele, Tony. Em meio às suas angústias, Rami dialoga com o seu espelho, procura refletir sobre essas questões em torno do próprio ‘eu’, na ânsia de descobrir o que havia de errado nela ou com ela. Acaba por concluir que era gorda, pesada, como se fosse essa a causa de Tony a abandonar pelas outras.

Sobre o corpo moldado pela sociedade patriarcal, Elódia Xavier argumenta que as mulheres, “ao vincular sua auto-estima aos padrões impostos, perdem-se de si próprias e mergulham no vazio existencial” (2007, p. 85).

De acordo com o romance *Niketche*, de Paulina Chiziane, a poligamia é um direito conferido ao homem, em alguns lugares da África, como meio de mostrar sua virilidade e, acima de tudo, o poder:

A poligamia dá privilégios. Ter mordomia é coisa boa: uma mulher para a cozinha, outra para lavar os pés, uma para passear, outra para passar a noite. Ter reprodutoras de mão-de-obra, para as pastagens e gado, para os campos de cereais, para tudo, sem o menor esforço, pelo simples facto de ter nascido homem (CHIZIANE, 2008, p. 94).

Assim, a poligamia não é substituir uma mulher por outra, e sim possuir mais de uma. Pois, de acordo com Kabengelê Munanga (1988, p. 14), a poligamia não se fundamenta no prazer sexual. A poligamia tem funções econômicas, políticas, religiosas, culturais e sociais importantíssimas.

No continente africano, a poligamia é adotada por alguns países nas sociedades mais tradicionais da África subsaariana.

Que sistema agradável é a poligamia! Para o homem casar de novo, a esposa anterior tem que consentir, e ajudar a escolher. [...] Não é esperar que uma envelheça para trocá-la por outra. Não é esperar que uma produza riqueza para depois a passar para outra. Poligamia não depende da riqueza ou da pobreza. É um sistema, um programa (CHIZIANE, 2008, p. 96).

No desenrolar da narrativa, percebemos que Rami sai da zona de conforto, passa de uma mulher que vive a serviço do marido a uma questionadora dos papéis atribuídos à mulher na sociedade moçambicana. Ela questiona as diferenças entre o comportamento dos homens e das mulheres, enfatizando a questão da alteridade presente na narrativa.

Constatamos que a escritora Paulina Chiziane apresenta a narrativa como um texto costurado com linhas de diferentes cores e texturas a partir da recuperação de histórias orais ligadas às questões de raça e gênero. E assim, leva o leitor, de forma mais ampla, a reflexões políticas, culturais e sociais acerca da nação moçambicana.

Identidade, alteridade e gênero

Por toda a narrativa, a questão da identidade feminina, da subjetividade da mulher moçambicana, é problematizada pelo drama existencial vivido pelas personagens. Rami, a protagonista, indaga não somente sobre as condições da mulher na sociedade moçambicana, mas também da mulher africana. O romance ultrapassa todos os limites impostos, por meio dos conflitos familiares, dos aspectos sociais, dos conflitos existenciais retratados nos variados espaços percorridos, tanto no Sul como no Norte de Moçambique.

- Se queres um homem prenda-o na cozinha e na cama – diz ela. – Há comidas masculinas e femininas. Na galinha, as mulheres comem as patas, as asas e o pescoço. Aos homens servem-se as coxas de frangos. A moela.
- A moela de galinha? No norte também? – pergunto eu morta de curiosidade.
- No norte também.
- Engraçado. Nunca tinha imaginado.
- No norte, a história da moela por vezes gera conflitos conjugais, que terminam em violência e até em divórcio.
- Não é possível! No sul também é assim. Essa tradição devia ser combatida.
- Desafiar? Mudar? Para quê? Cá por mim devia ser mantida, porque é uma boa isca. Um homem vence-se pela sua gula. Se queres fazer magia de amor, faça-a naquilo que eles mais gostam. A moela (CHIZIANE, 2008, p. 45).

As relações humanas no texto de Paulina Chiziane caracterizam-se pela identificação do Eu (a mulher, as esposas de Tony) em relação ao Outro (o homem, Tony). A busca pela identidade da mulher em *Niketche* acentua as diferenças existentes na sociedade patriarcal. Os contextos sociais moçambicanos, explorados pela autora em *Niketche*, sugerem uma discussão sobre a identidade moçambicana e sobre o papel do gênero nessa identidade.

Alteridade e identidade são inseparáveis. Entretanto, essa relação depende da distinção entre diferença e alteridade. A diferença é inerente aos nossos processos cognitivos, pois nos permite distinguir entre dia e noite, guerra e paz, baixo e alto e quente e frio. Há muitos contextos nos quais uma pessoa é diferente da norma (raça, gênero, religião, identidade sexual, características físicas, etc.).

Ou seja, a alteridade do Eu só é definida na presença do Outro, e vice-versa, apesar de a representação do Outro pelo Eu não se bastar a si própria na criação das identidades, uma vez que esta seria insuficiente e deficitária, mostrando apenas uma perspectiva invariavelmente marcada pela incompreensão ou, pelo menos, por uma falta de compreensão total. Por esta razão, a identidade é uma noção ambivalente e fluída, já que ela depende de vários fatores dinâmicos e é mutável na relação que estabelece com eles.

Com a passagem a seguir, percebemos que o gênero é uma questão fortemente discutida no romance, pois Rami, a protagonista, não aceita sua vida, refletindo, indagando sempre sobre sua condição mulher. Questões como o casamento, a divisão do trabalho, o espaço da mulher dentro da sociedade e o poder masculino sobre a “fragilidade” feminina são intensamente debatidos pela voz de Rami e pelas vozes das outras esposas de Tony.

Mães, mulheres. Invisíveis, mas presentes. Sopros de silêncio que dá luz ao mundo. Estrelas brilhando no céu, ofuscadas por nuvens malditas. Almas sofrendo na sombra do céu. O baú lacrado, escondido neste velho coração, hoje abriu-se um pouco, para revelar o canto das gerações. Mulheres de ontem, de hoje e de amanhã, cantando a mesma sinfonia, sem esperança de mudanças (CHIZIANE, 2008, p. 103).

Nesse sentido, sustentamos que a própria Paulina Chiziane traz essa discussão no seu romance com o intuito de estabelecer uma reflexão da sua trajetória dentro e fora do círculo literário, antes disso do seu lugar dentro da sociedade moçambicana, que em grande parte é de poderio patriarcal.

O romance é uma contação de estória, em uma composição bem tradicional com início, meio e fim. *Niketche*, a dança do amor, é o mecanismo responsável pela ligação entre passado, presente e futuro. A dança no romance vem para mostrar a sensualidade, o erotismo ocultado por tanto tempo no discurso feminino. A dança acaba sendo uma forma de metáfora da existência de Rami, que busca incansavelmente o prazer de estar viva.

Em *Niketche*, as mulheres, cujos corpos materializam as diferentes partes da geografia do estado moçambicano, representam uma comunidade de exiladas dentro da nação patriarcal, levando em consideração a marginalidade que lhes é imposta.

As mulheres do sul acham que as do norte são umas frescas, umas falsas. As do norte acham que as do sul são umas frouxas, umas frias. Em algumas regiões do norte, o homem diz: querido amigo, em honra da nossa amizade e para estreitar os laços da nossa fraternidade, dorme com a minha mulher esta noite. No sul, o homem diz: a mulher é meu

gado, minha fortuna. Deve ser pastada e conduzida com vara curta. No norte, as mulheres enfeitam-se com flores, embelezam-se, cuidam-se. No norte a mulher é luz e deve dar luz ao mundo. No norte as mulheres são leves e voam. Dos acordes soltam sons mais doces e mais suaves que o canto dos pássaros. No sul as mulheres vestem cores tristes, pesadas. Tem o rosto sempre zangado, cansado, e falam aos gritos como quem briga, imitando os estrondos da trovoadas. Usam o lenço na cabeça sem arte nem beleza, como quem amarra um feixe de lenha. Vestem-se porque não podem andar nuas. Sem gosto. Sem jeito. Sem arte. O corpo delas é reprodução apenas (CHIZIANE, 2008, p. 38).

Esse comportamento é observado durante todo o romance à medida que elas se tornam conscientes de sua alienação na relação que elas mantêm com Tony. E, gradualmente, elas geram as condições para recriarem a nação com as próprias vozes, reapropriando-se do corpo feminino e das diferenças entre as mulheres de todo o país.

Em *Niketche*, ao comparar os costumes do Sul aos do Norte de Moçambique, uma mulher do Norte confessa:

Vocês, as mulheres do sul, têm mais sorte – diz Saly. – Nas nossas aldeias as raparigas casam-se aos doze anos, mal terminam os ritos de iniciação. Desistem da escola na terceira classe e têm o primeiro filho antes dos quinze anos – conclui, numa voz de lamento (CHIZIANE, 2008, p. 312).

No Sul, as mulheres têm um pouco mais de independência, mas em qualquer parte de Moçambique o acesso das mulheres ao ensino é problemático. Devemos mencionar que o sistema educativo desempenhou um papel fundamental na doutrinação e na implantação dos modelos europeus de identidade no continente africano. Assim, como na Europa, durante a primeira metade do século XX, as poucas jovens africanas que frequentavam as escolas recebiam educação ligada a atividades domésticas, ao passo que os colegas recebiam uma educação orientada ao espaço público.

Assim, tanto a ideologia colonial ocidental como a africana convergiam na discriminação das mulheres quanto à educação, já que, por um lado, as sociedades africanas consideravam que a educação ocidental impedia as mulheres de cumprirem de forma satisfatória (para os homens) a função de mães e de esposas, sendo necessário afastá-las de qualquer tipo de educação colonial e, por outro lado, a ideologia do colonizador negava às africanas uma educação igualitária.

Paulina Chiziane toca no tema da condição feminina em Moçambique, a qual se torna uma porta de entrada para discussão de vários temas voltados para o universo feminino moçambicano. Nesse sentido tensiona as relações culturais que mapeiam o espaço multifacetado entre o lugar da tradição e o da modernidade no romance moçambicano.

A autora apresenta a mulher moçambicana e as práticas sociais de poligamia, ao mesmo tempo em que resgata e recria as tradições religiosas e culturais de Moçambique, explicitando as relações de gênero e a tensão entre tradição e modernidade.

Numa das entrevistas Paulina Chiziane (2011)¹ confessa que está convencida de que “a literatura moçambicana ainda está a nascer, estamos a construí-la”. Segundo a escritora, a primeira mulher a publicar romances em Moçambique, os livros dos autores

¹ Ver em :Revista Língua Portuguesa, 2011. Disponível em: <http://revistalingua.com.br/textos/50/um-mocambique-de-historias-248724-1.asp> Acesso em: 15 de out. 2015.

moçambicanos, que publicam hoje em dia, não os identificam suficientemente como moçambicanos. Escrevem na língua do outro, às vezes ainda na estética do outro e só nos últimos anos investem na busca do próprio imaginário literário.

Cremildo Bahule (2013, p. 113) argumenta que Paulina Chiziane trouxe, para a literatura de Moçambique, uma controvérsia, uma alteração, uma polêmica, ao discutir os aspectos culturais da sociedade por meio do olhar e da voz das mulheres de moçambicanas:

Como podemos compreender, o projecto de purificação estética, social, cultural e político da mulher, que Paulina Chiziane traça na sua literatura, encontra a sua realização nessa «nova mulher», que é a mulher que diz «sim» ao devir, à alegria, que se envolve com o sensível, com os instintos, com a paixão da mulher que baila, da mulher que oscila entre o poético da vida e o trágico da vida, ou seja, a «nova mulher» que Paulina Chiziane desenha na sua literatura corresponde a uma reabilitação plena e completa da mulher trágica, no círculo masculino ou no circuito machista (BAHULE, 2013, p. 116).

O romance *Niketche* não é uma crítica a nenhum sistema baseada em razões meramente políticas, mas sim na experiência das mulheres. Provavelmente, a pretensão de Chiziane ao dizer que não é feminista nem romancista, não deve ser interpretada simplesmente como modéstia. A origem dessas expressões, segundo Ana Margarida Dias Martins, pode estar no ressentimento de Chiziane diante das políticas a respeito da sexualidade da poligamia:

Ao apresentar a violência neo-imperialista cometida contra a consciência autoral e textual, a declaração de Chiziane desconstrói a relação entre língua, poder e cultura, sobre a qual a autoridade no discurso colonial é baseada, denunciando os conceitos etnocêntricos de escrita do ocidente (MARTINS, 2006, p. 72).

Fazer das mulheres não um mero instrumento de um discurso político ou cultural, mas sim o motivo e o centro absoluto dessa crítica é algo novo na literatura moçambicana. Feministas ou não feministas, os romances de Paulina são um grande passo à frente por usar a leitura e a escrita para construir a história a partir do ponto de vista feminino, e por denunciar explicitamente a força que possui o discurso colonial.

A palavra denúncia foi também usada por Chiziane na sua descrição de *Balada de amor ao vento* ():

É um livro que fala da condição feminina [...] os nossos problemas, o amor, o adultério, a poligamia. E eu sinto que a visão do mundo existente hoje, pelo menos em termo de escrita, é o ponto de vista masculino [...] Falei com mulheres mas também conheço histórias já seculares. [...] portanto a minha mensagem é uma espécie de denúncia, é um grito de protesto (PASSOS, 2003, pp. 187-188).

Apesar de ser considerada uma feminista pela publicação de romances que trazem mulheres que lutam como personagens principais, Paulina Chiziane (2002) foi muito clara ao dizer que “eu sou uma mulher que falo de mulheres, então eu sou feminista? É simplesmente conversa de mulher para mulher, não é para reivindicar nada”.

A declaração de Paulina nos leva a compreender porque seus romances não têm um final feliz/romântico. Esse não é o final que devemos esperar de uma obra feminista, a menos que a escrita seja hostil e que as ideias tenham que ser expressas de forma disfarçada. É difícil determinar quão hostil Moçambique era em 1990 a uma crítica sobre a poligamia como em *Balada de amor ao vento* ou, mesmo em 2008, em *Niketche – uma história de poligamia*, mas, depois de tantos anos de submissão aos discursos masculinos, não é de surpreender que a sociedade moçambicana não tenha sido muito receptiva a essas mensagens.

A decisão de analisar esse romance repousa sobre o reconhecimento de que este estudo abre espaço para refletir como a discussão sobre a memória do passado contesta mecanismos de poder no presente, por meio de uma manipulação engenhosa de gênero. A enorme importância desse romance – *Niketche* – reside no seu posicionamento crítico deliberado para com as implicações perturbadoras das realidades locais/pessoais. Este foco de representação dos dilemas culturais, do gênero, e da violência, por parte da autora moçambicana é uma resposta contra interpretações comuns e generalizações sobre gênero e violência na sociedade moçambicana, que porventura deixam pouco espaço para leituras mais politizadas do passado e, conseqüentemente, do presente.

REFERÊNCIAS

- BAHULE, Cremildo. *Literatura Feminina, Literatura de Purificação: O Processo de Ascense da Mulher na Trilogia de Paulina Chiziane*. 1ª Ed. Maputo: Editora Ndjira, 2013.
- BONNICI, Thomas. *O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura*. Maringá: Eduem, 2000.
- CHIZIANE, Paulina. *Niketche: uma história de poligamia*. 4ª ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2008.
- _____. *Um Moçambique de histórias*. Entrevista. Revista Língua Portuguesa, 2011. Disponível em: <http://revistalingua.com.br/textos/50/um-mocambique-de-historias-248724-1.asp> Acesso em: 15 de out. 2015
- _____. *Ser escritora é uma ousadia!* Entrevista a Rogério Manjate. Maputo, 2002. http://www.maderazinco.tropical.co.mz/edic_III/entrevista/paulina.htm Disponível em: <http://www.passagensliterarias.blogspot.com.br/2008/01/entrevista-paulina-chiziane.html> Acesso em: 10 de out. 2015.
- LEITE, Ana Mafalda. *Oralidades e escritas nas Literaturas Africanas*. Lisboa: Edições Colibri, 1998.
- LEITE, Ana Mafalda. Paulina Chiziane: romance de costumes, histórias morais. In: _____. *Literaturas africanas e formulações pós-coloniais*. Lisboa: Colibri, 2013. p.75-87.
- MARTINS, Ana Margarida Dias. *The Whip of Love: Decolonising the Imposition of Authority in Paulina Chiziane's Niketche: Uma História de Poligamia*. In: *The Journal of Pan-African Studies* 3, vol. I, pp. 69-85, 2006.
- MATA, Inocência. *A literatura africana e a crítica pós-colonial*. Reversões. Luanda: Editorial Nzila, 2007. Col. Ensaio, 40.
- MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. 2 ed., São Paulo: Ática, Coleção Princípios, 1988.
- PASSOS, Joana F. da S. de M. V. *Micro-Universe and Situated Critical Theory: Postcolonial and Feminist Dialogues in a Comparative Study of Indo-English and Lusophone Writers*. Utrecht: ProefschriftUniversiteit Utrecht, 2003.

ROSÁRIO, Lourenço do. *Moçambique: história, culturas, sociedade e literatura*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

SOUZA, Zuleide D. de. *Dissimular Para Sobreviver: Estratégias de Resistência*. Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF, Vol. 5, nº 10, Abril/2013 pp-67-78, 2013.

SPIVAK, Gayatri C.. *Pode o subalterno falar?*. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora: UFMG, 2010.

WOOLF, V. *Um teto todo seu*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

XAVIER, Elódia. *Que corpo é esse? – O corpo no imaginário feminino*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2007.